

O significado de “2ª pessoa”

Ken Wilber | 6 de outubro de 2015

<https://integrallife.com/meaning-2nd-person/>

Resposta a “Integral 2.0” e “There is No ‘You’ in AQAL” [Não há ‘você’ na AQAL]

Tem havido, por algum tempo, um mal-entendido considerável sobre como a Estrutura Integral AQAL vê a 2ª pessoa (por exemplo, “tu”, “você”). Eu não tenho ajudado nessa questão, porque embora já tenha explicado esse ponto, que é um tanto técnico, ocasionalmente eu mesmo utilizei uma forma introdutória mais fácil e simples - mas tecnicamente não muito certa - para descrever esse ponto. E ainda houve outra apresentação na Conferência de Teoria Integral deste ano que seguiu o mesmo mal-entendido (acompanhado de algumas outras imprecisões graves), pelo menos a meu ver, então pensei que já seria hora de abordar esse tema de forma completa.

A confusão origina-se exatamente no significado de “2ª pessoa” - porque existem dois significados muito diferentes que são constantemente confundidos. Há também uma grande confusão sobre o que precisa acontecer para um “você” realmente se tornar um verdadeiro “você”. A AQAL sem dúvida permite que todos esses significados sejam claramente diferenciados - mas é exatamente essa falta de diferenciação que causa os mal-entendidos (um mal-entendido que continua ocorrendo com praticamente todos os críticos da AQAL, com relação a este ponto).

Começarei abordando o primeiro significado dos pronomes de “1ª”, “2ª”, e “3ª” pessoa. Uma crítica ocasional da AQAL é que, ao enfatizar a perspectiva “nós” (que é a 1ª pessoa do plural e o Quadrante Inferior Esquerdo), a AQAL na verdade deixa de fora a perspectiva “tu” ou “você” de 2ª pessoa. Isso definitivamente não é verdadeiro, mas de maneiras que raramente são compreendidas. Para começar, temos o primeiro significado desses pronomes (perspectivas de “1ª”, “2ª”, e “3ª” pessoa). Este primeiro significado é tecnicamente correto, a saber: 1ª pessoa é a pessoa que fala (caso reto: “eu”; caso oblíquo: “me”, “mim”, “comigo”; possessivo singular: “meu” ou “minha”; plural: “nós”; possessivo plural: “nosso” ou “nossa”); 2ª pessoa é a pessoa com quem se fala (caso reto singular: “tu” ou “você”; caso oblíquo: “te”, “ti”, “contigo”; plural: “vós” [ou vocês]; possessivo singular: “teu” ou “tua”; possessivo plural: “teus” ou “tuas”); e a 3ª pessoa é a pessoa ou coisa de que se fala (caso reto: “ele” ou “ela”; caso oblíquo: “se”, “si”, “consigo”, “o”, “a”, “lhe”; plural: “eles” ou “elas”; possessivo singular: “seu” ou “sua”; possessivo plural: “seus” ou “suas”; caso reto e oblíquo no singular: “ele”, “ela”, “isto”; caso reto e oblíquo no plural: “eles”, “elas”, “istos”; possessivo no singular: “seu”, “sua”; possessivo no plural: “seus”, “suas”). Uma versão abreviada disso, como veremos, é simplesmente eu, nós, e isto.

Agora, o fato importante - e quase sempre esquecido - sobre essas definições desses

pronomes é que eles não dizem absolutamente nada sobre o efetivo desenvolvimento interior. E o desenvolvimento interior é frequentemente descrito em pronomes semelhantes, mas que têm significados muito diferentes. Loevinger e Cook-Greuter (eu concordo com os dois e eu), por exemplo, descrevem os níveis de desenvolvimento em termos de sua capacidade de assumir perspectivas cada vez mais complexas. Portanto, a altitude vermelha pode assumir uma perspectiva de 1ª pessoa; a âmbar pode assumir uma perspectiva de 2ª pessoa; a laranja pode assumir uma perspectiva de 3ª pessoa; a verde pode assumir uma perspectiva de 4ª pessoa; a verde-azulada pode assumir uma perspectiva de 5ª pessoa; a turquesa pode assumir uma perspectiva de 6ª pessoa e assim por diante. Aqui, "1ª pessoa", "2ª pessoa" e "3ª pessoa" têm significados bastante diferentes da primeira definição (e aqui, "4ª," "5ª," "6ª", etc. nem mesmo se enquadram na primeira definição). Neste uso, por exemplo, "3ª pessoa" significa não a pessoa sobre a qual se fala, mas a capacidade de assumir o ponto de vista de uma pessoa sob a perspectiva de outra - os pontos de vista de três pessoas podem ser mantidos simultaneamente em mente. A primeira definição de "3ª pessoa", significa simplesmente a pessoa sobre a qual se fala - e essa pessoa poderia estar num nível de desenvolvimento de 1ª pessoa, ou de 2ª pessoa, ou num nível de 3ª pessoa, ou de 4ª pessoa, ou 5ª pessoa, 6ª pessoa e assim por diante. (Quando as pessoas simplesmente falam de uma metodologia de "3ª pessoa", elas ignoram completamente o nível da pessoa que adota essa metodologia de "3ª pessoa" - com isso refiro-me, por exemplo, à metodologia de 3ª pessoa de alguém que está [no nível] vermelho, e que não pode nem mesmo assumir o papel do outro [na verdade, ela só pode ter uma perspectiva de 1ª pessoa. Portanto, essa pessoa pode afirmar que utiliza uma metodologia de "3ª pessoa" quando de fato só pode adotar uma perspectiva de "1ª pessoa"]? Claramente não, mas tudo isso perde o sentido por não se perceber [e diferenciar] as realidades de ambas as definições - o que a AQAL faz totalmente.)

A primeira definição é apenas um tipo de definição "topográfica", por assim dizer - simplesmente descreve a "localização" das pessoas que falam - sejam elas a pessoa que está falando ou a pessoa com quem se fala, ou a pessoa (ou coisa) sobre a qual se fala. Isso não diz nada sobre o interior dessas pessoas ou seus níveis de desenvolvimento. Quando alguém diz apenas, arrogantemente: "Usaremos uma metodologia de 2ª pessoa", geralmente supomos que querem dizer que os indivíduos que usam essa metodologia estão realmente nos níveis mais altos ou elevados de desenvolvimento interior (certamente não seria possível descobrir bons resultados se aqueles que utilizam metodologias de "2ª pessoa" estiverem apenas num nível âmbar de desenvolvimento de 2ª pessoa. Mas com uma metodologia de 2ª pessoa em que os indivíduos que a utilizam estão num nível de desenvolvimento de 5ª ou 6ª pessoa ou superior isso é possível. Muito será perdido se não mantivermos essas duas definições em mente).

Além disso, muitas pessoas que usam os termos "metodologias de 1ª, 2ª e 3ª pessoa" não têm conhecimento de estudos sobre desenvolvimento e, portanto, nem mesmo percebem que cada uma dessas metodologias poderia ser usada por pessoas em um 3º, 4º, 5º, 6º, 7º,

etc. nível de desenvolvimento - com resultados drasticamente diferentes. A AQAL cobre totalmente isso, fazendo com que os indivíduos que usam várias metodologias relatem sua própria altitude de desenvolvimento - por exemplo, “Estou usando uma metodologia de terceira pessoa a partir de um nível de 6ª pessoa” (cobrindo assim ambos os significados). Nesses casos, a AQAL está lidando com questões muito mais importantes do que seus críticos apontam.

Da mesma forma, a segunda definição sobre as perspectivas de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, etc. pessoas não diz nada sobre a “localização” em termos de se essa pessoa está falando, falando com ou falando sobre. E é a constante confusão desses dois significados que contribuem para muitos dos problemas que ocorrem. A AQAL, novamente, cobre totalmente ambos os significados.

Então, na Metateoria AQAL, se você quiser indicar uma 2ª pessoa real, no sentido da pessoa com quem se fala no momento, como você representaria isso no contexto da Estrutura Integral AQAL? No Quadrante Inferior Esquerdo? Não, não exatamente. O Quadrante Inferior Esquerdo é como um único ser senciente (de cuja Estrutura AQAL é a representação) está geralmente interagindo com outros seres sencientes - mas não há (nesta estrutura específica) nenhum outro ser senciente distinto, real, inserido diretamente em qualquer quadrante, há apenas como aquele ser senciente representa, interpreta, atua ou interage com outros seres (ou seja, como a primeira pessoa desta estrutura específica está interagindo com 2ª pessoas e 3ª pessoas em seus arredores - como famílias, tribos, nações e a humanidade global, bem como terceiras pessoas como “coisas”, tais como os modos tecnoeconômicos, vários artefatos, e assim por diante). Se você quiser representar uma verdadeira 2ª pessoa na estrutura AQAL, é muito simples: ao lado da estrutura AQAL que representa a 1ª pessoa, desenhe uma segunda estrutura AQAL, e essa estrutura representa essa 2ª pessoa como ela realmente é (com todos os seus próprios 4 quadrantes, seus próprios vários níveis, linhas, estados, etc.). A segunda estrutura AQAL será como essa 2ª pessoa representa, ou interpreta, ou interage com todas as outras coisas, grupos e tipos de seres sencientes - como essa 2ª pessoa vê e representa o mundo, assim como a primeira estrutura AQAL representa como a 1ª pessoa vê e representa o mundo.

E se esses dois seres sencientes interagem e ressoam mutuamente - se eles realmente formam um “nós” - então esse “nós”, como a 1ª pessoa o vê, é inserido no Quadrante Inferior Esquerdo da Estrutura da 1ª pessoa; e, como a 2ª pessoa o vê, esse “nós” é inserido no Quadrante Inferior Esquerdo da Estrutura da 2ª pessoa. Ambos os “você” estão incluídos, mas apenas como efetivos parceiros em uma comunicação ou ressonância verdadeira (ou “nós”).

Esse é o ponto crucial - e é aqui que devemos prestar atenção: como a segunda estrutura AQAL aparece na primeira estrutura AQAL? Em outras palavras, com referência à 1ª pessoa, como essa 2ª pessoa aparece? É aqui que muitas vezes surge a confusão, porque há pelo

menos essas duas diferentes definições de "2ª pessoa" - mais o fator extra do que deve acontecer para um "você" se tornar um verdadeiro "você" (primeiro significado). AQAL lida com todas essas três áreas. Ao desenhar uma segunda estrutura, estamos trabalhando especificamente com a definição "topográfica", ou seja, esta 2ª estrutura AQAL está representando uma genuína pessoa com a qual a pessoa da 1ª estrutura AQAL está falando (e, claro, falando e respondendo; assim, cada um mudaria da 1ª para a 2ª pessoa). Mas esse é o ponto: para que um deles seja uma autêntica 2ª pessoa para o outro - ou "a pessoa com quem se fala" - deve haver algum tipo de troca e compreensão mútua entre eles (mesmo que seja apenas linguagem corporal ou outros sinais). Se não houver a menor comunicação entre os indivíduos, então eles na verdade permanecem como terceiras pessoas entre si. Se estou falando com uma pedra, posso ser uma 1ª pessoa, mas a pedra definitivamente não é uma 2ª pessoa para mim. Essa não é a definição, o que implica claramente que esses dois seres estão em comunicação mútua e, a qualquer momento, a pessoa que fala é referida como a "1ª pessoa" e a pessoa com quem se fala é a "2ª pessoa" - uma rocha é a 3ª pessoa, aconteça o que acontecer, uma vez que não há comunicação ou ressonância mútua (exceto no nível de quarks, átomos e moléculas - e nesses níveis, há uma ressonância mútua, compreensão mútua e, portanto, nesses níveis, essas duas entidades são 1ª e 2ª pessoas uma para a outra). Ou do mesmo modo, se dois humanos estão envolvidos, mas um deles está em coma, não há ninguém *com quem se fala* em lugar nenhum; só se pode *falar sobre* a pessoa em coma - ou seja, ela é uma 3ª pessoa, assim como a rocha.

O ponto importante, então, é que para um genuíno "você" ou "2ª pessoa" existir, deve haver algum tipo de troca e comunicação mútua - deve haver, em outras palavras, um "nós" - deve haver uma primeira pessoa do plural. E quando isso acontece, então cada um dos dois sujeitos em comunicação aparece no Quadrante Inferior Esquerdo um do outro - eles aparecem como um parceiro no "nós" que se formou - e, portanto, são "ingredientes" do Quadrante Inferior Esquerdo um do outro, que, obviamente, tecnicamente é o quadrante "nós" (que é como tecnicamente o quadrante Inferior Esquerdo é sempre definido). Os quadrantes NÃO são definidos como 1ª, 2ª, 3ª pessoas - não diretamente - eles são diretamente definidos com subjetivos (interior) e objetivos (exterior) do indivíduo e do coletivo - então o Quadrante Inferior Esquerdo é o dentro ou interior do coletivo - é um "nós" (ou toda uma série deles [desses "nós"]). Esses "nós" têm, como ingredientes, "eu(s)" e "você(s)" e - como também esses elementos sobre os quais estamos falando - uma série de "dele" e "dela" e "deles" e "istos", etc. - conforme visto e interpretado pelo ser senciente de quem é a Estrutura AQAL). O quadrante Inferior Esquerdo NÃO é tecnicamente ou basicamente apenas um quadrante "você" - porque "você", nesse caso, significa simplesmente a pessoa com quem se está falando e se - e somente se - houver algum tipo de troca ou compreensão mútua, esse "você" entra na consciência e no ser da 1ª pessoa, que então interpreta esse "você" como parte de seu "nós" e que "nós" se torna uma parte efetiva do ser da primeira pessoa - esse "nós" torna-se uma parte indelével, intrínseca e real de seu Quadrante Inferior Esquerdo. Se não houver absolutamente nenhuma compreensão desse "você" - se a pessoa está, digamos, em coma - então esse "você" NÃO é uma segunda pessoa que de alguma

forma é entendida ou "entra" no Quadrante Inferior Esquerdo da 1ª pessoa, em vez disso, esse "você" é, para todos os efeitos e propósitos, uma 3ª pessoa (só se pode falar sobre ele(s), não se pode falar com ele(s) e, portanto, essa pessoa é, naquele momento, apenas algo que entra no Quadrantes do Lado Direito da 1ª pessoa - entra como um quadrivium Superior Direito ou objeto, ou como uma entidade artefactual de 3ª pessoa no Quadrante Inferior Direito. Mas esse "você" não entra nos quadrantes do Lado Esquerdo da 1ª pessoa de nenhuma forma significativa ou mútua, e certamente não no Inferior Esquerdo.

Isso aponta para um fato fundamental: no que diz respeito às trocas internas, existe simplesmente o espectro entre o interior e o exterior. "1ª, 2ª e 3ª" pessoas não indicam 3 áreas separadas em um ser onde outro ser está localizado. Em vez disso, "1ª pessoa" simplesmente indica subjetividade ou interioridade ou a capacidade de ser quem fala; e "3ª pessoa" indica a pessoa ou coisa que atualmente não faz parte de nenhuma consciência interior do Lado Esquerdo (ou diálogo ou comunicação ou compreensão mútua), mas é apenas uma ocasião objetiva ou exterior ou não interior (pessoa ou coisa; em algum momento futuro, se for uma pessoa, essa 3ª pessoa pode entrar em uma conversa e, assim, se tornar uma 1ª ou 2ª pessoa; mas agora, apenas *falando a respeito de*, ela não é um membro participante em qualquer troca mútua ou comunicação - ela é apenas 3ª pessoa). E a 2ª pessoa "você" simplesmente representa uma entidade que está presente e que tem a possibilidade de ir em qualquer direção (1ª [do plural] ou 3ª), seja se comunicando e se tornando algum tipo de 1ª pessoa do plural "nós" (além de ser ocasionalmente uma 2ª - parceiro pessoal - porque eles são parte de algum "nós" real) ou permanecem como uma rocha como uma 3ª. Se fosse uma pessoa de Marte, e não houvesse absolutamente nenhuma forma de comunicação possível entre a pessoa e o marciano, eles permaneceriam como 3ª pessoa um para o outro. Portanto, mesmo que o humano esteja "falando" com o marciano, o marciano não é uma genuína 2ª pessoa, mas uma efetiva 3ª pessoa).

Se uma conversa começar, a pessoa que começa a falar é presumidamente a 1ª pessoa; a pessoa com quem se fala é, no início, apenas um "você" em potencial - ela se tornará um autêntico "você" se houver o menor sinal de efetiva comunicação (já que essa pessoa está realmente falando com); mas se não houver comunicação mútua (por exemplo, a pessoa em coma ou o marciano), então essa pessoa não é uma verdadeira 2ª pessoa, mas sim uma 3ª pessoa (assim como a 1ª pessoa original, que tornou-se uma 3ª pessoa).

Agora, se houver uma efetiva troca com essa segunda entidade (e em qualquer nível), então algum tipo de "nós" se forma, e o "você" então se move para o Quadrante Inferior Esquerdo da 1ª pessoa como parte daquele "nós" (o que significa, o "nós" como este "eu" particular o interpreta e o entende). O "você" - a outra pessoa - da mesma forma entrará nesse "nós" em seu Quadrante Inferior Esquerdo, o que significa como ele [o outro] interpreta e entende esse "nós". Esses dois "nós" podem ou não corresponder muito bem - o que é simplesmente outra razão pela qual cada um deles é representado com sua própria Estrutura AQAL. (E o fato de que esses dois "nós" podem não corresponder muito bem um ao outro é a base fundamental

de todos os tipos de mal-entendidos e conflitos complexos, que não aconteceriam se houvesse apenas um "nós".)

Então, em termos de real compreensão (e localização na estrutura AQAL), não há um quadrante totalmente separado para o "você". Um "você" ou é compreendido (e, portanto, realmente está se falando com) e, se assim for, ele se torna um parceiro em um "nós" que se torna um aspecto válido de cada um de seus Quadrantes Inferiores Esquerdos (ou seja, o "nós" conforme compreendido ou vivenciado respectivamente por cada um deles). Ou o "você" é totalmente não compreendido (não há troca mútua), caso em que não há comunicação ou troca ou ressonância ou compreensão de qualquer natureza, apenas um olhar em branco, e que "você" por padrão, portanto, torna-se uma 3ª pessoa - só se pode falar sobre, não falar com - e, assim, o "você" de ambas as partes torna-se parte dos quadrantes de 3ª pessoa do Lado Direito um do outro, percebidos da mesma forma que uma rocha seria.

Mas, como eu disse, não existe um local específico para apenas um "você". Quando um ser senciente está perante outro ser senciente (antes que eles saibam que há qualquer possibilidade de troca mútua), então cada um é um "você" potencial para o outro - o que simplesmente significa que, até que seja conhecido se pode haver mesmo qualquer ressonância mútua, cada um é uma 3ª pessoa que por acaso está presente um frente ao outro - então, até qualquer troca, "você" é apenas um "isto" - uma 3ª pessoa (como uma pedra) - e neste ponto, portanto, é apenas um quadrivium do Lado Direito um para o outro (não um parceiro no Quadrante Inferior Esquerdo). Quando eles começarem a interagir de uma forma ou de outra, descobrirão se existe o menor tipo de troca ou ressonância mútua e, se houver, esses aspectos se tornarão parte de cada um de seus Quadrantes Inferiores Esquerdos (um "nós" mútuo - com cada um deles compreendendo aquele "nós" a partir de seu próprio "eu"; e que, o "nós-como-interpretado-por-aquele-eu" é o "nós" para cada um de seus Quadrantes Inferior Esquerdo); e se não houver ressonância ou compreensão ou reciprocidade de qualquer tipo, então aqueles "vocês" permanecerão "istos" - permanecerão 3^{as} pessoas.

Assim, em termos da efetiva "localização" na Matriz AQAL, existe especificamente o interior 1ª pessoa (singular e coletivo) e o exterior 3ª pessoa (singular e coletivo) - resultando o interior e o exterior do individual e do coletivo (com cada um desses quadrantes também capaz de assumir uma visão interna e externa, para as 8 zonas¹ - e, em alguns casos, cada uma dessas zonas pode fazer a mesma coisa - mas não há nenhum verdadeiro "você" isolado em nada disso; há simplesmente o interior e o exterior do indivíduo e do coletivo, que

¹ NT: Além dos cinco elementos da teoria integral, que constituem a base fundamental do modelo AQAL, há um outro aspecto mais avançado que é importante mencionar. Este aspecto é menos um elemento novo e mais uma complexificação do primeiro (os quadrantes). Cada uma das perspectivas associadas aos quatro quadrantes pode ser estudada por meio de duas famílias metodológicas principais, ou seja, de dentro (isto é, uma perspectiva de 1ª pessoa) ou de fora (ou seja, uma perspectiva de 3ª pessoa). Isso resulta em oito zonas distintas de análise e investigação humana.

podem ser repetidos fractalmente um número quase infinito de vezes, como uma sala de espelhos que reflete infinitamente). Mas a "2ª pessoa você" é apenas um detentor de posição (o ser senciente com quem se fala ou é abordado), esperando para ver se ele se tornará parte de uma troca mútua de qualquer tipo (nesse caso, torna-se um parceiro em um "nós"); nesse ponto, e somente nesse ponto - isto é, como parte de um "nós" - "2ª pessoa" significa algo em termos de efetiva localização. "Você" é um você em potencial, esperando para ver se algum tipo de comunicação ocorrerá (nesse caso, não é nem 1ª, 2ª ou 3ª pessoa - mas se você tiver que escolher um, é apenas uma 3ª pessoa e está inserido nos quadrantes "externos" ou "exteriores" do lado direito - portanto, há um lugar para isso numa dimensão "externa/exterior"); ou, quando a comunicação está ativada e funcionando, se houver o menor entendimento mútuo ou ressonância simples, então esse "você" se torna um verdadeiro "você" (onde se ambas as partes falarem, ele alternará entre a 1ª e a 2ª pessoa) - e, em qualquer caso, tornou-se um parceiro em um VERDADEIRO "nós" - algo que realmente existe - e existe no Quadrante Inferior Esquerdo de cada ser senciente envolvido (conforme interpretado por esse ser senciente; que, é claro, tem sua própria 1ª pessoa, e cada um tem itens de 3ª pessoa, além de serem 2ª pessoa um para o outro).

Agora, às vezes, a Estrutura AQAL é usada como uma "visão geral" resumida de um hólón individual ou coletivo. Portanto, uma Estrutura pode representar, digamos, a cidade de Portland. Nesse caso, os vários quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos são inseridos em uma Estrutura AQAL e representam simplesmente as médias de cada um desses elementos na cidade de Portland. A estrutura está sendo usada como um quadrivium² da média ou mediana de cada um desses elementos básicos (quadrantes, níveis, linhas, estados, tipos) no hólón social conhecido como Portland. Esta é uma representação perfeitamente adequada para um hólón social. E, é claro, se quisermos representar outra cidade ou hólón social, simplesmente desenhamos outra Estrutura AQAL e a usamos.

Às vezes, o Quadrante Inferior Esquerdo é representado como "nós/você", simplesmente para reconhecer que sim, existe um "você" - mas apenas quando gerado em um autêntico nós, digamos, em uma conversa entre "você" e "eu". Além disso, este "você" não é apenas o você "você" como você realmente e verdadeiramente existe, é o seu "você" conforme eu o interpreto, envolvo-o, parcialmente co-crio e atuo-o. Em outras palavras, é seu "você" como parte de um "nós" (ou seja, uma parte de nosso "nós" [seu e meu] conforme interpretado por meu eu, assim como seu "nós" é o nosso "nós" conforme interpretado por você em seu Quadrante Inferior Esquerdo). É por isso que também frequentemente indico o "nós" como uma equação: "eu" + "você" = "nós" (com todos esses sendo, em parte, minha interpretação em meu Quadrante Inferior Esquerdo e sua interpretação em seu Quadrante Inferior Esquerdo) .

E é isso que acontece com qualquer comunicação com qualquer "você" - quero entender tudo o que puder sobre "você" para que pareça que você está falando comigo diretamente.

² NT: O uso de qualquer um dos quadrantes como uma perspectiva com a qual se pode ver uma ocasião.

Quanto menos "eu" no "nós", mais posso entender o ser real que é representado por aquela segunda estrutura AQAL com a qual estou falando, ou à qual estou me dirigindo, ou tentando entender de alguma forma. Claro, nunca terei total sucesso simplesmente porque qualquer coisa que entra em minha consciência é, de certa forma, uma cocriação ou atuação do meu ser. O "você" que sua esposa vê é definitivamente diferente do "você" que eu vejo. Se houvesse um suposto componente "você" - isolado e existindo por conta própria (e referenciado como uma "metodologia de 2ª pessoa") - isso implicaria que aquele "você" poderia simplesmente e absolutamente ser abordado por si mesmo e conhecido de uma e apenas uma maneira correta (como se houvesse um e apenas um significado verdadeiro de Hamlet) - este é um resquício da "filosofia representacional" e "espelho da natureza" que crivou o modernismo, mas foi severamente criticado - e rejeitado - por teóricos subsequentes. Cada um de nós é, até certo ponto, a cocriação e a atuação mútua um do outro. Nós nos manifestamos juntos e dependemos uns dos outros para nossa própria existência, de maneiras inúmeras e diferentes. Nossas agências³ individuais atuam e cocriam o espaço no qual aparecemos e existimos uns para os outros.

"Quanto menos eu" simplesmente significa que, em minhas tentativas de entender uma segunda pessoa, quanto mais eu aprendo sobre essa pessoa (cocriada como ela pode ser), e quanto mais eu removo o que aprendi sobre mim dessa equação, então, mais perto estarei de qualquer que seja a realidade da segunda pessoa. Se, por meio de algo como a Estrutura AQAL, eu souber que estou, por exemplo, em turquesa ou índigo (como um centro de gravidade), saberei subtrair isso o quanto conseguir desta segunda pessoa (a menos que pareça que ela também esteja nessa altitude). Isso significa que em qualquer compreensão ou mesmo ressonância simples, as estruturas possuídas por ambas as partes entrarão em alguma compreensão da outra que surgir. Isso é categoricamente inevitável - todos os indivíduos têm várias concepções, presunções, preconceitos e estruturas que usam para interpretar, representar, produzir e perceber seu mundo e os seres nele. Quanto mais autocompreensão eu tiver, melhor será minha compreensão dos outros. Portanto, tente adotar a melhor estrutura possível - que, creio, é claro, é AQAL.

Criticar a AQAL por não ter um lugar para o "você" é não entender completamente essas realidades fundamentais. Depois de ter um "nós" instalado e funcionando, não há problema em se referir àquele que fala como "1ª pessoa", com quem se fala como "2ª pessoa" e sobre quem se fala como "3ª pessoa". Mas "2ª pessoa", neste sentido, só tem significado como parte desse "nós" (que é a definição técnica do Quadrante Inferior Esquerdo).

Esta é mais uma razão pela qual os 4 quadrantes são tecnicamente definidos como o interior e o exterior do individual e do coletivo. Muitos teóricos dirão, sobre os humanos, que eles têm, por exemplo, uma dimensão psicológica, uma dimensão comportamental, uma

³ NT: Agência é um dos quatro impulsos principais de um hólion individual, junto com a comunhão, Eros e Ágape. O impulso horizontal de autopreservação, autonomia e totalidade. O desejo de ser um todo e não uma parte. Seu oposto complementar é a comunhão. Sua expressão patológica é alienação, repressão, autonomia rígida e hiperagência.

dimensão ambiental e uma dimensão social - ou algo semelhante. E então eles veem os 4 quadrantes e dizem: “Oh, já cobri isso com minhas 4 dimensões”. Mas suas 4 dimensões não cobrem realmente todas as áreas, aspectos e características que ocorrem em todos esses quadrantes. A dimensão “psicológica”, por exemplo, não cobre o Quadrante Superior Esquerdo (o interior do indivíduo), porque há também a dimensão emocional, a mental, a espiritual, a biológica (*élan vital*), e assim por diante. Apenas o “interior do indivíduo” é suficientemente definido para abranger TODAS essas áreas - o “psicológico” nem de longe começa a cobri-lo. Da mesma forma, no caso do Quadrante Inferior Direito - chamá-lo apenas de “ambiente” retrata uma dimensão do exterior do coletivo, mas existem muitas mais. É comum, por exemplo, falar de “PESTLE”⁴ - político, econômico, social, tecnológico, jurídico e ambiental - abrangendo esta ampla dimensão. Está mais perto, e certamente usamos isso como uma forma de nos lembrar de alguns dos ingredientes do Inferior Direito; mas não apenas existem outras (por exemplo, instituições de ensino), mas esta formulação ignora que cada uma dessas áreas tem, na verdade, 4 quadrantes. A lei, por exemplo, definitivamente tem um aspecto do Quadrante do Lado Direito, e os positivistas jurídicos reduzem todas as leis a essa dimensão (por exemplo, Hart); mas outros legalistas (por exemplo, Dworkin) apontam que há um componente interpretativo inescapável para a lei - um componente intrínseco do Lado Esquerdo. E assim é com cada um desses componentes PESTLE. E quanto ao “ambiente” que cobre o Quadrante Inferior Direito, esse elemento é apenas o coletivo/exterior dos componentes biológicos/sistêmicos da realidade - ele nem chega a cobrir os muitos outros níveis do coletivo/exterior. Portanto, mais uma vez, os quadrantes (e zonas) fornecem a melhor e mais precisa “ontologia” da realidade geral nessas áreas amplas. Além disso, os quadrantes vão por “todo o caminho para cima” e “todo o caminho para baixo” - algo que, digamos, a política não e faz. À medida que os quadrantes são “dispostos” uns sobre os outros, novas disciplinas emergem lentamente ao longo da evolução, e itens como a política lentamente passam a existir; mas definir [ou reduzir] o Quadrante Inferior Direito como “política” significa que a Estrutura AQAL não funcionaria até, digamos, logo após o Big Bang, ao passo que os quadrantes [um dos elementos da AQAL] de fato assim fazem.

É também por isso que incluí a citação de Dreyfuss e Rabinow, apontando como Heidegger e Foucault eram semelhantes, com uma grande exceção: Heidegger abordou a compreensão cultural de dentro, a partir do interior (com uma forte intenção hermenêutica), enquanto Foucault abordou a mesma coisa de fora, a partir do exterior (em um olhar perfeitamente monológico). Dreyfuss e Rabinow não distinguiram a 1ª, 2ª e 3ª pessoas e categorizam esses teóricos dessa forma (porque essa não é uma divisão real ou verdadeiramente significativa) - eles se fixaram em uma única divisão categórica verdadeira - 1ª pessoa (singular e plural) e 3ª pessoa (singular e plural) - e descobriram que Heidegger e Foucault operavam também nessas dimensões.

⁴ NT: Uma análise *PESTLE* [acrônimo em inglês] é uma estrutura para analisar os fatores-chave (políticos, econômicos, sociológicos, tecnológicos, jurídicos e ambientais) que influenciam uma organização a partir do exterior.

E todas essas realidades são o que o quadro AQAL leva TOTALMENTE em consideração; ao passo que seus críticos, creio eu, simplesmente não examinaram com suficiente atenção o que realmente está envolvido em todo esse processo.

Agora, como eu disse, ocasionalmente contribuí para esse mal-entendido da AQAL, às vezes me referindo aos quadrantes como "1ª, 2ª e 3ª pessoa". Mas a maioria das pessoas nota que, mesmo quando faço isso, ainda me refiro ao Quadrante Inferior Esquerdo como "nós", não "você" (ou, no máximo, "nós/você"). E eu sempre listo "1ª, 2ª e 3ª pessoas" como "Eu, nós e isto". Ou uso a equação simples "eu" + "você" = "nós" (o que é verdade); mas, novamente, isso na verdade apenas aponta para o "você" como um parceiro em um "nós" se for para ser uma 2ª pessoa real; caso contrário, ele permanece uma 3ª pessoa monológica. Assim, "dentro/fora" (subjetivo/objetivo) ainda permanece como uma das fronteiras mais fundamentais e primárias da existência (sendo a outra individual/coletiva ou singular/plural). E se você quiser uma 2ª pessoa real, então, como eu disse, simplesmente desenhe outra estrutura ao lado da primeira, e haverá uma representação COMPLETA de toda uma 2ª pessoa e seu mundo. Mas não tente incluir enfiar essa 2ª pessoa na Estrutura AQAL da 1ª pessoa, porque o que pertence a essa Estrutura é apenas o que está de fato dentro desse ser senciente - e isso significa principalmente suas interpretações, atuações e cocriações.

Se você olhar para indivíduos que recomendam o uso de metodologias de "1ª, 2ª e 3ª pessoa" (sem essas qualificações), quase sem exceção você descobrirá que eles estão cometendo essas falácias. O que eles querem dizer com "metodologia de 1ª pessoa" é quase sempre simplesmente 1ª pessoa do singular. O que eles querem dizer com "metodologia de 3ª pessoa" é a 3ª pessoa do singular ou plural. E o que eles invariavelmente querem dizer quando dizem "metodologia de 2ª pessoa" é, na verdade, 1ª pessoa do plural, focada no parceiro "você" nessa equação geral. Mas não significam apenas a metodologia de 2ª pessoa focando só na 2ª pessoa - essa é uma noção totalmente sem significado em qualquer um desses sentidos. Portanto, existem metodologias de 1ª, 2ª e 3ª pessoa - e ainda vou usar esses termos, pois eles apontam para realidades reais - mas eles realmente significam, respectivamente, abordagens de 1ª pessoa do singular, abordagens de 2ª pessoa como abordagens de 1ª pessoa do plural e, em seguida, abordagens de 3ª pessoa do singular e do plural - e há espaço COMPLETO para tudo isso nos quadrantes AQAL (e as 8 zonas realmente os refinam ainda mais, mas não adicionando nenhum "você").

É por isso que, desde o início, os quadrantes foram definidos como o interior e o exterior do individual e do coletivo. Esses são os limites "ontologicamente" ativos e reais necessários para primeiramente fazer um mundo funcionar - e é por isso que a Estrutura AQAL abre espaço para o mundo todo. A 2ª pessoa não é um espaço ontológico real (a menos que seja parte de um "nós" real) - é apenas, como vimos, um marcador potencial até que saibamos se será uma 1ª pessoa ou uma 3ª pessoa - então é claro que este mero potencial não teria nenhum papel na evolução real - a evolução não opera em hipotéticos - e então ela não opera em "você" - apenas eu e nós (e 3ª pessoas). E porque o número real de perspectivas

dentro desses pronomes não se limita apenas a "1ª, 2ª e 3ª pessoa" - como muitas pessoas imaginam que usam essas 3 distinções - então, na realidade, níveis principais de desenvolvimento em cada um dos quadrantes podem ser representados como 1ª pessoa, 2ª pessoa, 3ª pessoa, 4ª pessoa, 5ª pessoa, 6ª pessoa e assim por diante - e é exatamente isso que a metateoria Integral faz. Os críticos que afirmam que AQAL não "inclui a 2ª pessoa ou você" raramente têm algo a dizer sobre a 4ª pessoa, 5ª pessoa, 6ª pessoa e assim por diante - onde isso está localizado em suas "críticas"? AQAL aborda essas perspectivas em ambos os seus significados. Como "aquele que fala, falando com e falando sobre", ele aborda suas "localizações" reais (nos quadrantes, como "eu", "nós", "isto" e "istos" [ou ele e ela e eles e deles, etc., para 3ªs pessoas] - que são dentro e fora de indivíduos e coletivos) - que são as únicas fronteiras que realmente estabelecem a troca mútua, como vimos. E uma vez que os quadrantes não são definidos tecnicamente em termos de "1ª, 2ª e 3ª" pessoa, essas perspectivas (em sua totalidade - da 1ª à 7ª e superiores) também são totalmente contabilizadas na AQAL e suas zonas (algo que os críticos raramente fazem).

Observe que é mais comum atingir apenas o máximo da 1ª e 3ª pessoa - dentro/subjetivo e fora/objetivo. A razão é que há uma intuição vagamente entendida de que "2ª pessoa" realmente não tem sentido quando se trata de qualquer metodologia efetiva (o que realmente significa uma "metodologia de 2ª pessoa" é, como vimos, uma metodologia de "1ª pessoa do plural"). Então pegue o *Journal of Consciousness Studies* e você encontrará argumentos intermináveis sobre se a 1ª pessoa ou a 3ª pessoa é a verdadeira abordagem para a consciência - e virtualmente nenhum artigo promovendo a metodologia de segunda 2ª pessoa (e se houver, é quase sempre descrevendo a 1ª pessoa do plural). David Chalmers e eu tivemos uma longa conversa sobre esse assunto. Eu havia publicado um artigo na revista defendendo uma abordagem de "todos os quadrantes" - significando tecnicamente 1ª pessoa do singular e plural e 3ª pessoa do singular e plural - e isso é exatamente como os quadrantes são definidos. Eu estava tentando transmitir a ele a importância de um *background* "nós" (bem como sistemas "istos") na formação da consciência individual - mas o que eu estava chamando de forma simplista de "2ª pessoa" naquela conversa era na verdade "1ª pessoa do plural" ou o Quadrante Inferior Esquerdo. Os 4 quadrantes são o que é real na criação e manifestação do universo. À medida que a linguagem evoluiu, "você" tornou-se um potencial útil ou hipotético (ou, quando verdadeiro, um parceiro real em um "nós" comunicativo genuíno) e, assim, foi introduzido em todo o mundo. Quando o "você" se torna verdadeiro, ele realmente se torna parte de uma 1ª pessoa do plural - o que é definitivamente real. E blocos de nós culturais realmente evoluem de acordo com a teoria da evolução social. Mas o "vocês" não evolui - não há nada real para evoluir. E a AQAL não se refere tecnicamente a "metodologia de 2ª pessoa" porque não existe tal coisa (embora haja definitivamente um singular de 1ª pessoa [como meditação individual - zona #1], 1ª pessoa do plural [como etnometodologia - zona #4], 3ª pessoa do singular [como a cognição ativa de um único animal - zona #5] e 3ª pessoa do plural [tal como teoria de sistemas; zona interna #7 e zona externa #8]) - em outras palavras, as metodologias delineadas pelas 8 zonas da Estrutura AQAL - e essas zonas definitivamente incluem todos os "vocês" na medida em que

são reais e encontram-se envolvidos em qualquer interação.

Se você olhar para a bela noção de Marin Buber de um relacionamento “Eu-Tu”, verá que ele queria dizer a mesma coisa. A ideia é que se pode tratar outra pessoa como um mero “isto”, uma 3ª pessoa, sem se comunicar com ela ou falar significativamente com ela ou de alguma forma conhecê-la verdadeiramente - ela pode muito bem ser uma rocha. E é daí que vem toda a crueldade, ele sustentou - de tratar as pessoas como objetos, como “istos”, como seres não sencientes, como 3ªs pessoas, como pedras. Somente entrando em sua órbita comunicativa - tornando-os um “tu/você” em um verdadeiro relacionamento “nós” (Eu-Tu) - os tratamos com respeito, cuidado e consideração. Apenas “falar para” alguém (e não “falar com” alguém), na verdade torna sua 2ª pessoa uma mera 3ª pessoa “isto”, não um “tu/você” numa verdadeira troca no “nós”. E ele afirmava, é claro, que o mesmo se aplica ao nosso relacionamento com Deus (que, para ser real, precisa ser “Eu-Tu”). Portanto, todo o objetivo de qualquer comunicação genuína com um ser é fazer com que deixem de ser apenas aqueles aspectos que estão nos quadrantes do Lado Direito (seus componentes de terceira pessoa ou “istos”), e movê-los para os seus próprios quadrantes Esquerdos (como um “tu/você” em um “nós” genuíno). E este “você”, novamente, será um “você” que é a sua interpretação, ou sua atuação, ou sua cognição e, portanto, está EM seu próprio ser (o Quadrante Inferior Esquerdo do teu ser) - não existirá em um quadrante “tu/você” puro com o qual você tem contato direto e não mediado, porque não existe tal entidade em nenhum lugar do Kosmos. E é por isso que AQAL não tem uma metodologia de “2ª pessoa” ou “tu/você” ou quadrante “tu/você” - porque algo assim não existe.

(E sim, porque este é um mal-entendido comum, ainda é o caso de, em determinado momento, referir-me a metodologias de “1ª, 2ª e 3ª pessoa” - pois eu simplesmente não quero passar por essa longa explicação, mas que não haja engano sobre o que quero dizer. E que as críticas equivocadas a essa abordagem busquem em seu próprio lar quaisquer verdadeiros mal-entendidos.)

Receio que abordagens com esses tipos de erros e confusões - bem como vários outros - deixe-as longe de ser uma “Integral 2.0”. Geralmente aprecio as críticas e quase sempre adoto as boas; mas —simplesmente não posso incorporar mal-entendidos à nossa abordagem.

Portanto, espero que isso tenha esclarecido essa situação um tanto complexa. Vou realmente tentar ser mais rigoroso em minhas próprias apresentações sobre esses elementos (embora em breves resumos, seja realmente difícil incluir meia dúzia de páginas explicativas para uma questão como esta, então a tentação estará sempre lá). Mas as simplicidades introdutórias são uma coisa; a teoria e a metateoria real (e crítica) são outra coisa, bem diferente.

Ao mesmo tempo, o número de pessoas que tentaram compreender a AQAL de forma plena

e justa está crescendo rápida e amplamente, e agradeço profundamente a todos que estão fazendo isso. É realmente maravilhoso poder compartilhar essa compreensão com outras pessoas e ver muitas delas ressoarem de forma tão positiva e graciosa. Isso está criando uma comunidade mundial - um “nós integral” - que é incrivelmente vivo e atraente. Estou realmente grato a todos vocês que se juntaram a mim nesta extraordinária aventura do “nós integral”.

tradução e adaptação: Paulo C S Passini
revisão: Jorge Watanabe